

UMA CARTA DE ANCHIETA

Odilon Nogueira de Matos

Por ocasião do transcurso do quarto centenário do descobrimento do Brasil, em 1900, o Instituto Histórico e Geográfico de São Paulo, então ainda novél instituição que apenas havia completado o primeiro lustro de sua existência, promoveu duas publicações contendo matéria não propriamente inédita, mas pouco divulgada, uma vez que nas edições anteriores tiveram circulação restrita e, ainda assim, inçadas de erros, como se verificou com o tempo. A primeira publicação do Instituto continua algumas cartas de Anchieta e a outra divulgada, pela primeira vez em livro, o famoso relato de Hans Staden referente à sua viagem ao Brasil.

O texto anchietano, opúsculo de 72 páginas, impresso na Tipografia da Casa Eclética, à rua Direita nº 6, em São Paulo, trazia na capa a indicação "Cartas Inéditas" de José de Anchieta, "edição comemorativa do quarto centenário". Estando na ordem do dia, não se julgou necessário informar a que centenário se referia. Já a página de rosto especificava com um título bastante longo, como de hábito na época, o que era o texto divulgado: "Carta fazendo a descrição das inúmeras coisas naturais que se encontram na província de São Vicente, hoje São Paulo, seguida de outras cartas inéditas escritas da Bahia pelo venerável Padre José de Anchieta, copiadas do Arquivo da Companhia de Jesus". Indicava que as cartas foram traduzidas do latim pelo Professor João Vieira de Almeida, com um prefácio de Augusto César de Miranda Azevedo.

O prefaciador procurou mostrar o interesse da carta escolhida para "abrir a série de publicações concernentes aos primeiros tempos da vida de nossa pátria, com especialidade o que se refere a São Paulo". Dava a entender, desta maneira, que era intenção do Instituto Histórico e Geográfico de São Paulo editar uma sé-

rie de livros sobre a história paulista, uma espécie de "Paulística", antecipando de meio século o que veio a ser feito, na década de '50 pelo Governo do Estado. Infelizmente, a intenção ficou neste pequeno opúsculo anchietano, hoje de extrema raridade.

A carta, datada de fins de maio de 1560, é uma das mais importantes de quantas foram escritas pelo grande missionário. Bastante extensa contém verdadeiro "tratado" da terra paulista do ponto de vista da história natural (botânica e zoologia), significativa, portanto, para se verificar o que se conhecia, na época, dessas ciências naturais. Razão pela qual ela é bastante valorizada e sempre citada pelos autores modernos quando tratam desses assuntos. Com ela, poder-se-á dizer, começa a História Natural de São Paulo.

Embora este texto possa hoje ser encontrado, até em edições bem melhores, em publicações referentes à "ópera" anchietana (Academia Brasileira, Serafim Leite, Hélio Abranches Viotti e até num avulso publicado em 1946 pelo Ministério da Educação...) é justo que se recorde a modesta iniciativa do Instituto Histórico de São Paulo, comemorando de maneira tão singela a efeméride quadricentenária de 1900. Iniciativa que, como se disse, deveria ser o ponto de partida de uma coleção de obras sobre São Paulo, mas que ficou nessa primeira publicação.

E agora, que o Instituto da rua Benjamin Constant se aproxima de seu centenário, a ser comemorado em 1994, seria uma grande coisa se a instituição pudesse retomar o empreendimento de 1900 e pensar seriamente na publicação de uma "Paulistânia", dando prosseguimento à "Paulística", infelizmente interrompida, para assinalar de maneira perene a significativa efeméride que deverá transcorrer daqui a dois anos.